

A gestão do corpo-si na constituição do saber investido pelo profissional liberal da área da saúde: especificidades de um relato

Luciana Simor Verardi¹

Ernani Cesar de Freitas²

Resumo

O tema deste estudo é linguagem e trabalho, ergologia e psicologia organizacional e do trabalho (POT) na investigação da gestão do uso do corpo-si e do saber investido por um profissional liberal da área da saúde. O objetivo é analisar a gestão do uso do corpo-si desse profissional liberal na construção do saber investido diante do vazio de normas. Teoricamente, baseia-se em pressupostos da ergologia, da linguagem e trabalho e da psicologia organizacional e do trabalho (POT). Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, exploratória, bibliográfica, de campo, com abordagem qualitativa. O corpus de análise consiste no relato de uma entrevista semiestruturada com um profissional liberal da área da saúde, abrangendo questões de sua prática profissional. Os resultados evidenciam que a gestão do uso de si do profissional liberal está fortemente atrelada à gestão dos saberes investidos diante dos riscos que envolvem a tomada de decisão.

Palavras-chave: Ergologia. Linguagem e trabalho. Psicologia organizacional e do trabalho. Saber investido. Profissional liberal

Data de submissão: Setembro. 2023 – Data de aceite: Dezembro. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i1.15200>

¹ Psicóloga graduada pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Pós-graduada em Psicologia Organizacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Psicologia pela IMED (ATITUS Educação), doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). <https://orcid.org/0000-0002-6406-9758> E-mail: 24122@upf.br

² Doutor em Letras (PUCRS), pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. <https://orcid.org/0000-0002-8920-9446> E-mail: ecesar@upf.br

Introdução

As transformações no mundo do trabalho têm sido um tema central nas últimas décadas, impulsionadas principalmente pela rápida evolução tecnológica e pelas mudanças socioeconômicas que impactaram profundamente a maneira como as pessoas trabalham, suas relações de emprego e a estrutura das organizações das quais fazem parte. O contexto contemporâneo do trabalho trouxe consigo a flexibilidade das relações e o protagonismo da competitividade individualizada, onde as habilidades técnicas tradicionais continuam sendo relevantes. No entanto é crescente a valorização da capacidade de aprender rapidamente, adaptar-se a novas situações, trabalhar em equipe, resolver problemas complexos e comunicar-se assertivamente.

Buscando compreender melhor algumas nuances específicas dessas transformações, este artigo traz como tema linguagem e trabalho, ergologia e psicologia organizacional e do trabalho (POT) na investigação da gestão do uso do corpo-si e do saber investido por um profissional liberal da área da saúde. O que impulsiona este estudo é a percepção de que, para o profissional liberal, a gestão do uso de si é uma questão crucial. Trata-se de uma categoria de profissionais que atuam em carreiras independentes, onde suas características pessoais incorporam-se às habilidades técnicas a fim de comporem seus ativos profissionais. O conceito ergológico do corpo-si, entidade composta por dimensões históricas, biológicas e subjetivas singulares do homem em atividade de trabalho (Schwartz, 2014) é aderido a esta investigação, já que no contexto dos profissionais liberais o uso de si é determinante para o estabelecimento do diferencial competitivo a ser oferecido na prestação de seus serviços. Em contraste com o trabalho baseado somente em produtos tangíveis, isto é, que desenvolvem, produzem, vendem ou distribuem itens físicos que podem ser tocados, vistos e manuseados, o profissional liberal passa a representar a qualidade de seus serviços a partir do uso que faz de si mesmo.

Em outras palavras, o corpo-si do profissional liberal carrega sua expertise e experiência pessoal, que são desenvolvidas ao longo dos anos de estudo, prática e aperfeiçoamento. O conhecimento acumulado, juntamente com as habilidades técnicas e interpessoais, contribui para a qualidade e eficácia dos serviços prestados. Nessa perspectiva, como problema de pesquisa questiona-se: “Como é gerido o uso do corpo-si na construção do saber investido por um profissional liberal diante do vazio de normas?” Em direção à resposta, objetiva-se analisar a gestão do uso do corpo-si de um profissional liberal da área da saúde na construção do saber investido diante do vazio de normas.

Para o alcance do objetivo proposto, este estudo apresenta uma abordagem interdisciplinar. Assim, preceitos relativos à díade linguagem e trabalho (Boutet, 2016; Di Fanti, 2014; Fanta, 2002; Nouroudine, 2002) estarão aderidos aos pressupostos teóricos

da ergologia quanto ao uso do corpo-si e a construção dos saberes investidos (Guérin et al., 2012; Schwartz, 2003, 2014; Schwartz; Durrive, 2021; Trinquet, 2010, 2021; Zariffian, 2015). Da mesma forma, elementos teóricos da psicologia organizacional e do trabalho (POT) serão recrutados por meio de autores como Bendassolli e Soboll, (2021), Clot, (2007), Holz e Bianco (2014) e Malvezzi, (2015) a fim de contextualizar e fundamentar a função psicológica do trabalho e a adaptação do trabalhador frente às demandas organizacionais.

Metodologicamente, propõe-se um estudo de natureza aplicada, a partir de teorias das ciências sociais voltadas a problemas concretos e que lançam luz sobre aspectos específicos da realidade (Minayo, 2014), e exploratório, visando o levantamento de um número maior de informações sobre o assunto. Atende aos critérios para pesquisa bibliográfica, ao explorar materiais já publicados, além de se constituir em uma pesquisa de campo, observando fenômenos manifestados espontaneamente na coleta de dados. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), segue uma abordagem qualitativa, não visando a generalização dos resultados e sim a incorporação do significado e da intencionalidade dos fatos como aspectos significativos das construções humanas.

Como corpus, este estudo utiliza o relato das percepções de um profissional liberal da área da saúde acerca da gestão de suas práticas laborais frente ao vazio de normas, resultado de uma entrevista com roteiro semiestruturado. A entrevista foi orientada teoricamente sob critérios específicos para com entrevistas em situação de pesquisa acadêmica, na qual devem ser observadas as diferenças entre a pergunta de pesquisa e a pergunta da entrevista, além da figura do pesquisador como parte integrante do processo investigativo (Rocha; Daher; Sant'ana, 2004). Para efeitos de análise, a entrevista foi transcrita na íntegra e analisada segundo o protocolo do paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), identificando pistas e marcas no relato do entrevistado.

Em aderência ao objetivo deste estudo e ao problema de pesquisa, faz-se necessária uma explanação teórica basilar. A relação entre linguagem e trabalho é apresentada de forma a introduzir os pressupostos teóricos da Ergologia, especialmente no que se refere ao uso do corpo-si e à construção de saberes. Em seguida, constructos elementares da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) serão recrutados a fim de que sejam abordadas questões mais amplas da relação homem-trabalho. Logo após, informa-se o passo a passo metodológico adotado; na sequência, realiza-se a apresentação dos resultados e respectiva análise do corpus, seguida das considerações finais do estudo.

1 Linguagem e trabalho: a ergologia como proposta investigativa

Os estudos da linguagem no contexto específico do trabalho são relativamente recentes, já que as reflexões linguísticas se pautaram inicialmente no estudo de textos

tradicionais, elevados ao nível do sagrado imposto pela filologia desde meados do século XIX. Contudo, a relação entre linguagem e trabalho é intrínseca, desempenhando um papel fundamental na forma como as pessoas se comunicam, interagem e colaboram entre si no ambiente laboral, ou, como propõem Boutet e Gardin (1998, p. 90):

a partir do momento em que decidimos estudar os objetos languageiros do cotidiano e, mais ainda, os objetos languageiros produzidos no trabalho, estamos lidando com fatos linguísticos muito diferentes. Agora, estamos às voltas com diálogos de muitas vozes (enunciados orais tanto quanto escritos), que são produzidos em lugares organizacionais específicos, dotados de contextos materiais que não são meramente decorativos, ligados a processos de transformação do mundo.

A linguagem está intimamente ligada à construção da identidade pessoal, profissional e à expressão de valores, normas e culturas organizacionais. Também pode ser descrita como um agir discursivo no mundo (Freitas, 2014) e, em contextos de trabalho, adquire uma estreita relação com a ação. De acordo com Faïta (2002), as falas no e sobre o trabalho são condicionadas pela ação, já que competências e saberes coexistem com o falar e o agir. Ainda, para Schwartz (2014), a linguagem é o tecido que conecta as renormalizações da atividade com a ação. É por meio dela que o drama do debate interno de normas e valores acontece.

Considerando, então, a evolução dos estudos linguísticos em direção às peculiaridades da linguagem produzida e experienciada no trabalho, juntamente com o caráter de ação que ela adquire no ambiente laboral, a seção seguinte tratará de um ângulo mais específico de sua natureza: as práticas languageiras.

2 Práticas languageiras

Um olhar mais acurado sobre linguagem e trabalho aponta para o que Nouroudine (2002) denomina “práticas languageiras”. O termo genérico abarca as três configurações propostas para a linguagem no trabalho no sentido de proporcionar uma investigação menos sujeita a erros. Assim, as práticas languageiras referem-se à linguagem enquanto seu emprego no trabalho: linguagem como trabalho, linguagem no trabalho e linguagem sobre o trabalho.

A linguagem como trabalho é aquela que atua como atividade em si, sendo objeto do fazer, já a linguagem no trabalho ocorre sem participação direta no objetivo da atividade e compõe uma das realidades constitutivas da situação global em que a atividade se desenvolve. Por sua vez, a linguagem sobre o trabalho consiste na interpretação do trabalho e pode ser analisada sob dois prismas: o de quem executa a atividade e o de quem observa (o protagonista e o pesquisador). Essa verbalização sobre o trabalho é uma

dimensão importante a ser considerada para os fins deste estudo, pois se a partir dela torna-se possível conhecer o aparente e o não aparente do trabalho, isto é, a dramaticidade do debate das normas e a renormalização resultante, também é verdade que sua investigação necessita de uma abordagem metodológica que contemple a dialética e a multiplicidade de sentidos componentes da linguagem (Di Fanti, 2014).

De acordo com Boutet (2016), as práticas languageiras são atravessadas por variabilidades de ofícios, setores, situações de trabalho e determinantes ambientais (risco, tempo, organização do trabalho), contribuindo enormemente para sua realização. Apreende-se, então, que fala e escrita no e sobre o trabalho assumem um caráter interdependente e permitem que a ação seja não somente executada como também prevista.

Em orientação semelhante, a Ergologia reconhece a importância da linguagem como uma ferramenta fundamental para a compreensão e análise das situações de trabalho e na contextualização da atividade humana. Na próxima seção, são comentadas algumas das contribuições da ergologia para a compreensão da linguagem enquanto elemento ativo e constituinte do mundo do trabalho.

3 Ergologia compondo a equação

Em entrevista concedida a Scherer (2022), Yves Schwartz declara que a ergologia surgiu na França nos anos 1980, resultado das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, provocadas pelo questionamento do método taylorista de organização do trabalho e pela influência das correntes teóricas do marxismo no cenário francês. Essas transformações socioeconômicas levaram a uma preocupação crescente com o papel do trabalho na sociedade. Inicialmente conhecido como "*Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail*", a abordagem ergológica se concentrou na diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real, pautados pela ergonomia, revelando alternativas de gestão do trabalho humano em diferentes níveis.

Mais precisamente, a ergologia expande a pauta ergonômica alicerçada na melhoria das interações entre o homem e o ambiente físico do trabalho, preservando a concepção maior de que existe diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Do debate entre os valores acionados pelo vazio de normas dessa diferença, em atividade de trabalho, é que um novo saber pode ser produzido, acionado nas dramáticas do uso de si. Segundo Trinquet (2010), a ergologia é uma abordagem investigativa pluridisciplinar da atividade humana no trabalho. Seu principal objetivo é a contemplação da complexidade inerente à atividade laboriosa e seus agentes, bem como das implicações e condições a que é submetida, visando atingir maior eficácia e rentabilidade no aspecto econômico, social e

humano. Nas palavras do autor:

A ergologia – via conhecimentos e saberes acadêmicos atualmente disponíveis e mais particularmente aqueles provenientes da ergonomia – permite melhor conhecer o trabalho, sua natureza profunda, suas propriedades e assim melhor compreendê-lo para lhe transformar/melhorar, adaptando-se aos seus imperativos sociais, humanos e organizacionais. (Trinquet, 2021, p. 18).

Para além de uma abordagem puramente conceitual, estruturalmente a ergologia do trabalho se concretiza na falta, na diferença que se estabelece entre o prescrito e o real da atividade de trabalho. Conforme Schwartz e Durrive (2021, p. 36, grifo do autor), “ergologia é a aprendizagem permanente dos debates de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade: é o *“desconforto intelectual”*.” Exponentes principais desta abordagem, Schwartz e Durrive (2021) apresentam quatro proposições ergológicas que caracterizam a atividade humana a partir do reconhecimento da distância entre o que se prescreve como norma e o que se constrói no debate interno de valores, conforme a Figura 1:

Figura 1- Proposições ergológicas



Fonte: elaborada pela pesquisadores com base em Schwartz e Durrive (2021)

É na confecção deste novo, do encontro do encontro e do debate dramático entre normas e valores que entra em ação o corpo-si, entidade composta do biológico, do social, do psíquico e do histórico do sujeito e que opera a transformação do fazer, renormatizando-o (Schwartz, 2014). Trata-se da entidade responsável pela ação transformadora da realidade. Partiremos, então, para uma explanação sobre as especificidades do corpo-si na produção de saberes na situação de trabalho.

4 O corpo-si e o saber produzido no fazer

De um ponto de vista mais amplo e inicial, cabe considerar o que Schwartz (2000) propõe quanto ao uso de si. Segundo o autor, a maneira como nosso corpo é afetado pelas exigências de saúde e vida, como mobiliza seus recursos biológicos, fisiológicos, intelectuais e éticos para atender a essas demandas, e como tentamos expressá-las em linguagem, tudo isso envolve uma sinergia de elementos heterogêneos que não podemos

totalmente dominar.

Por conseguinte, compreende-se que toda e qualquer atividade de trabalho resulta do uso de si (recursos internos singulares) por si e por outros. Trata-se, pois, de uma mobilização interna visando atender uma demanda externa, recrutando experiências prévias individuais. O conceito evoluiu ao considerar que recursos fisiológicos, isto é, do corpo (neuro-sensório-psicomotor), são concomitantemente recrutados durante a atividade de trabalho, originando a denominação corpo-si, cuja estrutura se dá em três dimensões, segundo Schwartz (2014), sendo elas a dimensão biológica, que comporta as potencialidades e limitações de um ser fisiológico; a dimensão histórica, que situa o debate de normas (uso de si por si e uso de si pelos outros) no tempo e espaço determinados; e a dimensão singular, nutrida por experiências pessoais constituintes e valorativas.

O uso do corpo-si implica na interação com o outro e com si mesmo em um processo decisório de gestão de normas. Internamente, ocorre um debate entre normas que antecedem a atividade e uma consequente tentativa de renormalização acerca dessa atividade. Este processo dinâmico exprime as dramáticas do uso do Corpo-si e implica na convocação das três dimensões que o constitui. Funda-se, então, uma retroalimentação entre um novo fazer e um novo saber. Postula Schwartz (2021, p. 149):

A atividade de trabalho, entre todas as outras atividades humanas com as quais ele se comunica, não tem, de modo algum, o privilégio dessa dimensão dramática. Mas, sem dúvida, hoje, ela a toca diretamente; expressa, talvez melhor do que toda outra forma de agir humano, essa obrigação inelutável com saberes e escolhas que remetem a pessoa a ela mesma e, uma vez que são feitas, fazem história [...] porque criam uma situação nova que nenhuma racionalidade antecedente teria podido predeterminar.

Em sentido semelhante, Pierre Trinquet (2010) afirma que o vazio de normas suscita a ação criativa e integral do sujeito na atividade de trabalho, evidenciando o surgimento de saberes advindos deste fazer criativo/industrial, já que em toda atividade, incluindo o trabalho, há um conhecimento pessoal envolvido que preenche e gerencia a distância entre o prescrito (o que é esperado) e o real (o que realmente acontece). Esse conhecimento está relacionado a valores, à educação e à personalidade de cada indivíduo.

Sendo assim, trabalhar é fazer história, já que a ação que se inscreve em situação de trabalho é um acúmulo de saberes que se concretiza sobre outras inscrições de saberes, compondo um cenário histórico. Trata-se do que propõe Schwartz (2003, p. 23, grifo do autor):

Certamente, este encontro dos produtos da história nas situações de trabalho deve ser diferenciados segundo as normas múltiplas e inumeráveis do trabalho sobre o planeta industrial ou de serviços, agrícola ou urbano, formal ou informal... Mas *toda* a atividade de trabalho encontra saberes acumulados nos instrumentos, nas técnicas, nos dispositivos coletivos; toda

a situação de trabalho está saturada de normas de vida, de formas de exploração da natureza e dos homens uns pelos outros.

Considerando que a inscrição histórica do homem se projeta na situação de trabalho, é a partir da integração de diferentes saberes que esta história é construída. Destarte, Schwartz e Durrive (2021) propõem a existência de três polos de saberes distintos, que denominam Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P). O polo dos saberes constituídos engloba conceitos, competências e conhecimentos disciplinares acadêmicos e profissionais. Já o polo dos saberes investidos na atividade é originado da experiência prática e constantemente recriados por meio de discussões e debates, complexos e fortemente vinculados à atividade específica, situados no tempo e no espaço. Para que os processos de diálogo entre os representantes dos diferentes polos sejam eficazes e construtivos, é necessário criar um terceiro polo. O terceiro polo é um espaço onde todos os interlocutores podem definir e elaborar as provisões e os meios para buscar soluções, evitando debates acadêmicos infrutíferos e considerando as diferenças de opiniões entre os participantes.

Até este momento, foram expostos os elementos e pressupostos basais em direção à contextualização e compreensão da linguagem enquanto fator intrínseco ao trabalho, segundo a abordagem ergológica. A seguir, são apresentadas algumas contribuições da POT para a compreensão da gestão do uso do corpo-si na construção do saber investido diante do vazio de normas.

5 A psicologia e o homem que trabalha

Para a Psicologia, as atividades de trabalho vão além da mera subsistência e da produção de bens de consumo. Elas não são apenas repetitivas e anônimas, mas também envolvem a criação de algo duradouro que torna o mundo habitável. Além disso, o trabalho não se limita a ser uma simples expressão de habilidades específicas ou uma reprodução em massa de um determinado tipo de demanda. É nessa perspectiva que Yves Clot (2021, p.81) afirma:

Ao pedir que o trabalho “absorva” o que restou de suas vidas, muitos trabalhadores exigem dele mais do que ele pode proporcionar. Eles nutrem a esperança não apenas de sobreviver em um contexto, mas de, finalmente, poder produzir um contexto para viver. Na verdade, é particularmente difícil contentar-se apenas com o sobreviver ao trabalho, já que ele é o espaço onde o trabalhador ainda pode esperar fazer alguma coisa de sua vida além dos conflitos unilateralmente afetivos do face a face interpessoal.

Em vez do automatismo da repetição, o trabalho é uma combinação de criação e ação. É uma obra que produz resultados duradouros e uma ação que gera resultados

subjetivos que são compartilhados e transmitidos por meio de narrativas que não são apenas discursos vazios para sustentar o esforço individual, mas sim formas de comunicar e compartilhar experiências. Parece ser esta a principal premissa da psicologia no âmbito do trabalho e da atividade industriosa, atuar como continente da interação do homem com um mundo em uma constante “fazedura aprendiz”.

No intuito de atender às demandas sociais e mercadológicas, atreladas conjunturalmente com as naturezas do corpo que trabalha, uma área específica da psicologia desenvolveu-se e segue buscando encontrar e reforçar sua identidade. Trata-se da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), sobre a qual serão desenvolvidos alguns aspectos na seção a seguir.

6 Psicologia organizacional e do trabalho (POT): uma abordagem histórica e funcional da relação homem-trabalho

A Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) tem por objeto o homem inserido no mundo do trabalho e as vastas implicações operantes nos cenários laboral e psíquico. De acordo com Zanelli, Bastos e Rodrigues (2014), como área que compreende e intervém sobre o trabalho e as organizações, a POT visa a análise e a interação entre as diversas dimensões em que pessoas, grupos e organizações estão inseridos, buscando otimizar intervenções e construir estratégias que assegurem o bem-estar dos agentes envolvidos, seja o homem que trabalha ou o ambiente organizacional no qual ele se insere. Uma das principais características da POT é a interdisciplinaridade, já que estabelece diálogos com diversos campos do conhecimento, como sociologia, psicanálise, administração, ciências econômicas, história e engenharia (Costa Leão, 2012). Uma vasta gama de estudos vem dedicando atenção a POT e diversas têm sido suas linhas de investigação.

Historicamente, de maneira resumida, a POT evoluiu da Psicologia Industrial (tecnicista e seletora), passando pela Psicologia Organizacional (produtividade e racionalização do trabalho) e pela Psicologia do Trabalho (significados e manifestações humanas), até chegar à designação atual de POT (Coelho-Lima; Costa; Yamamoto, 2011). Essa orientação tecnicista e funcional da POT é resumida nas palavras de Malvezzi (2015, p. 61): “A história da POT teve início, ainda no final do século XIX, fruto da demanda pela compreensão da adaptação entre o trabalhador e suas tarefas”. Atualmente, figura como o terceiro maior campo de atuação profissional de Psicólogos no Brasil, de acordo com Bastos; Gondim e Borges-Andrade (2010). Dessarte, A POT está situada na fronteira entre as demandas de ampliação e renovação do mundo do trabalho (globalizado, digitalizado e virtualizado) e a expansão da psicologia como ciência (pesquisa e reflexão crítica).

O trabalhador contemporâneo assiste ao enfraquecimento das organizações

enquanto cenários físicos de trabalho, o que implica no redimensionamento espaço temporal do ambiente laboral (redes de fluxo entre trabalhadores autônomos). Isto afeta consideravelmente a interação entre o indivíduo, o trabalho e a sociedade. Assim, um dos grandes desafios da POT brasileira é a compreensão deste cenário e a atuação neste contexto (Malvezzi, 2015), considerando as particularidades da América Latina, que possui menos de 50% das pessoas inseridas no mercado de trabalho formal (Renteria; Malvezzi, 2018). Assim sendo, os fatos e contextos contemporâneos do mundo do trabalho reforçam a necessidade de se produzir conhecimentos e modelos de intervenção focados na contextualização das práxis psicológicas do trabalho.

Destacando o papel da psicologia no auxílio da conscientização do trabalhador enquanto ser que constrói o mundo a partir de si, faz-se, na continuidade, uma breve discussão acerca das aproximações e possibilidades de interação entre a POT e a Ergologia na investigação do homem em atividade de trabalho.

7 Psicologia organizacional e ergologia: um diálogo possível?

Conforme observado, a POT surge em decorrência de diferentes demandas de trabalho geradas por acontecimentos históricos, avanços científicos e protagonismos de objetos novos ao olhar determinista taylorista. Ainda assim, sua evolução esteve atrelada majoritariamente a uma visão do homem do ponto de vista do sistema socioeconômico vigente, enfatizando a figura do trabalhador enquanto líder ou liderado.

Em acordo com essa compreensão, Holz e Bianco (2014) defendem a necessidade de repensar a organização do trabalho, considerando conceitos como corpo-si, usos de si, normas antecedentes, renormalização, entidades coletivas e saberes investidos. Esses conceitos ergológicos indicam a importância de deslocar o foco da gerência, que tradicionalmente prescreve tarefas, para o trabalho real, entendendo-o como uma atividade humana repleta de singularidades, desnaturalizando os discursos gerenciais que ainda mantêm a lógica taylorista de planejamento, organização, direção e controle. Além disso, pesquisas convergem para a necessidade de devolver a atividade de trabalho ao trabalhador, um vínculo que foi bruscamente rompido com a disseminação do modelo taylorista de produção que busca maximizar a separação entre concepção e execução, monopolizando o conhecimento do trabalho pela gerência, bem como o fracionamento e a simplificação do gesto produtivo humano.

As aproximações entre estas duas áreas investigativas e interventivas do trabalho humano oferecem, também, subsídios para comparações. Enquanto a POT construiu grande parte de sua história a partir de um olhar “macro para micro”, atentando para a organização do trabalho, a ergologia permite que se vislumbre a possibilidade de uma

investigação inversa, do “micro para o macro” de forma a devolver ao trabalhador a apropriação de sua atividade. Ainda, questões intrínsecas à linguagem no e sobre o trabalho se apresentam no sentido do compartilhamento de saberes. Enquanto a ergologia concebe a linguagem como fonte imprescindível das dramáticas normativas que resultam em novos saberes, a característica analítica “macro para micro” da POT considera determinadas contingências externas sobrepostas à comunicação e à socialização dos saberes que oferecem maior amplitude de compreensão dos contextos.

Conforme Zariffian (2015), questões como cooperação e intercompreensão devem ser examinadas. No cenário contemporâneo do trabalho, a cooperação se desenvolveu principalmente no quadro do “métier”, onde milhares de trabalhadores compartilham uma mesma função. No entanto, esse quadro tem se mostrado insuficiente e até mesmo limitante, tornando-se um obstáculo para a cooperação. Um dos maiores desafios é superar esse quadro e desenvolver uma cooperação interprofissional, buscando compreender o motivo pelo qual o modelo do “métier” é resistente às cooperações interprofissionais e interfuncionais. Ademais, resquícios das organizações tayloristas também constituem um obstáculo. O princípio central do taylorismo é assegurar a coordenação das tarefas sem cooperação, comunicação ou a posse de um “métier”.

Cabe aqui uma outra observação que aproxima as duas áreas no âmbito linguístico. Clot (2007) observa que entre os signos da língua e a atividade linguística no intercâmbio cotidiano das relações de trabalho, existe uma relação que se assemelha àquela existente entre os artefatos e as atividades de trabalho. Embora a direção da ação seja diferente, a estrutura é comparável. Tal semelhança permitiu a importação para a psicologia do trabalho do conceito de catacrese proveniente da linguística. Essa importação visa pensar os usos informais do conjunto de ferramentas utilizadas no trabalho na construção de novos saberes e de novas realidades.

Ademais, assim como a POT, a abordagem ergológica sugere a consideração das características e peculiaridades da situação de trabalho na elaboração de intervenções. Cada situação em que a atividade ocorre está inserida em um tipo de organização, setor e demandas específicos, requerendo robustez e amplitude de conhecimentos. Conforme Guérin et al. (2012, p. 82), “a análise da atividade de trabalho tem, portanto, essa especificidade: não pode ser uma abordagem baseada na simples aplicação de ferramentas pré-concebidas.” As características das iniciativas ergonômicas dependem das características do setor de produção em que o trabalho se situa, incluindo o tipo de mercado, concorrência, campo de ação e demanda. Assim, o setor de serviços, onde profissionais exercem suas atividades fora de uma organização coletiva de trabalho, possui especificidades a serem consideradas em sua globalidade.

Diante do escopo teórico adotado neste estudo, cabe explicitar os procedimentos

metodológicos empregados.

8 O passo a passo metodológico

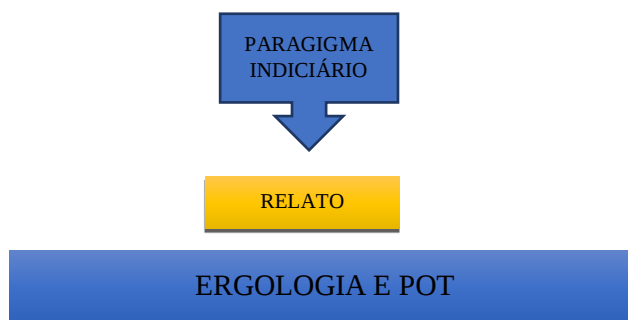
Em acordo com proposições de Minayo (2014), apresenta-se um estudo de natureza aplicada, baseada em teorias das ciências sociais voltadas à problemas concretos que lançam luz sobre aspectos específicos da realidade. Quanto aos objetivos, trata-se de um estudo exploratório que visa o levantamento do maior número de informações sobre o assunto. No que concerne aos procedimentos técnicos, atende aos critérios para pesquisa bibliográfica, ao basear-se em materiais já publicados; documental, por se tratar de material que não passou por processo analítico anterior; bem como atende aos critérios para pesquisa ação, caracterizada pela cooperação ou participação entre os agentes em direção à resolução de um problema coletivo. Segundo Minayo (2014), Prodanov e Freitas (2013), constitui-se, também, como uma pesquisa de campo ao observar fenômenos manifestados espontaneamente na coleta de dados. De abordagem qualitativa, não visa a generalização dos resultados e sim a incorporação do significado e da intencionalidade dos fatos como aspectos significativos das construções humanas

O corpus constitui-se no relato das percepções de um profissional liberal da área da saúde acerca da gestão de suas práticas laborais frente ao vazio de normas, resultado de uma entrevista com roteiro semiestruturado com as questões norteadoras: *“Em sua atividade profissional, os conhecimentos teóricos acadêmicos são suficientes para atender as demandas de trabalho? Em caso negativo, como você administra suas práticas laborais diante das diferenças entre teoria e prática?”* O profissional entrevistado é odontólogo e desenvolve suas atividades em caráter autônomo, como profissional liberal, há mais de trinta anos na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Sua escolha como sujeito de pesquisa se deu sob critérios de conveniência previstos em Minayo (2014). A entrevista foi realizada em maio de 2023, gravada com a permissão do entrevistado e transcrita integralmente, orientada teoricamente sob critérios específicos para entrevistas em situação de pesquisa acadêmica, conforme Rocha, Daher e Sant’ana (2004). Foi a partir de uma experiência de observação desse profissional em ação diante do vazio de normas que emergiu a questão norteadora para a presente pesquisa.

Para a análise dos dados, a transcrição integral da entrevista na íntegra foi analisada segundo pressupostos teóricos da ergologia, mais especificamente no que concerne à linguagem sobre o trabalho, às práticas languageiras (Di FaNTI, 2014; Nouroudine, 2002) e o uso do corpo-si (Schwartz, 2000, 2014), bem como aos fundamentos elementares da POT enquanto área da psicologia que compreende a relação do trabalhador com as demandas externas do mundo do trabalho e aquelas que recrutam suas demandas

internas e identitárias. O relato do entrevistado foi submetido ao protocolo do paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), identificando pistas e marcas que denotam aspectos relevantes para a resolução do problema de pesquisa e o alcance do objetivo proposto. Assim, a Figura 4 ilustra a interação metodológica entre os pressupostos teóricos elementares da POT e da Ergologia, que embasam a análise das pistas e rastros encontrados no relato do entrevistado, a partir da aplicação do protocolo do paradigma indiciário.

Figura 4- Interação metodológica



Fonte: elaborada pelos pesquisadores (2023)

Expostos os procedimentos metodológicos, na sequência apresenta-se a análise dos dados coletados e selecionados.

9 O que as marcas e pistas contam

Esta seção apresenta a análise dos dados coletados durante o estudo, buscando compreender as percepções do entrevistado em relação ao vazio de normas em sua prática profissional. Por constituir-se de uma abordagem qualitativa de análise, permite uma compreensão rica e detalhada dos fenômenos estudados, fornecendo insights sobre a complexidade dos contextos sociais envolvidos.

Trata-se, então, do relato de um profissional liberal da área da saúde que atua profissionalmente há 34 anos no consultório e há 20 como proprietário e professor de uma escola de pós-graduação da área de odontologia. As questões norteadoras da entrevista foram as seguintes: a) “Em sua atividade profissional, os conhecimentos teóricos acadêmicos são suficientes para atender as demandas de trabalho?” b) “Em caso negativo, como você administra suas práticas laborais diante das diferenças entre teoria e prática?”

Salienta-se que esta análise se dá sob a perspectiva da linguagem sobre o trabalho, considerando quem fala, de onde fala e quando fala (Nouroudine, 2002), permitindo que seja observada a gestão do corpo-si diante do imprevisto determinado pelo vazio de normas, bem como pela percepção que o entrevistado denota acerca da diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Isso posto, as pistas e marcas encontradas no relato

do entrevistado conduziram a elaboração de três blocos de respostas descritos como: 1) O saber de instrução versus o saber da prática; 2) O saber resultante do vazio de normas; e 3) O corpo-si e o fator decisório. Dessa maneira, cada bloco apresenta análise e discussão embasadas no aporte teórico construído anteriormente:

Bloco 1 - O saber de instrução versus o saber da prática
--

“na minha época os cursos eram um pouco melhores né em termos de qualidade então a gente estaria bastante qualificado... vamos dizer... dava pra gente abrir um consultório e sair trabalhando, então obviamente as vezes as coisas na prática não funcionavam como a gente tinha tido na teoria mas a própria faculdade era mais longa tinha uma carga horária em torno de cinco mil horas... dava pra atender tranquilamente os procedimentos bem tranquilo... eu acho que hoje isso não acontece tanto pelo fato de ser uma carga horária muito baixa a pela própria mudança da cabeça das pessoas... o nível deles é baixíssimo mesmo fazendo uma especialização. O aluno vai muito cru para o mercado de trabalho... então você tem que ensinar o beabá que tinha que ter sido cobrado na faculdade e daí ele chega numa especialização como se tivesse entrando hoje na graduação. Isso pode ser um problema e fica muito entregue assim demanda de mercado.”

O excerto acima evidencia que o entrevistado percebe a presença do vazio de normas na diferença qualitativa do saber antecedente, acadêmico, advindo da graduação, e a demanda da atividade real. Para ele, o saber acadêmico é insuficiente em elementos básicos para a atuação, denotando a premissa ergológica que considera as normas antecedentes insuficientes para dar conta da atividade de trabalho, embora sejam componentes essenciais para a construção do saber investido. Ao seu encontro, Schwartz, em entrevista concedida a Scherer (2022) declara fundamental que as instituições do conhecimento, como universidades e escolas profissionais, reservem espaço para os saberes e valores relacionados ao trabalho. Isso envolve reconhecer a importância dos conhecimentos práticos, experiências vividas e perspectivas dos trabalhadores, além de promover uma formação que prepare os profissionais para lidar com os desafios complexos do mundo do trabalho.

Ainda de acordo com Schwartz (2021), diversas mudanças devem ser consideradas, como a sobreposição do setor de serviços à dominância do setor industrial. Ainda, atenta para a competência, a qualificação e o tipo de entrega requisitada ao profissional em diferentes situações, setores ou meios de trabalho. Nas palavras do autor (Schwartz; Durrive, 2021, p. 31): “tem-se a impressão de que se modificou o que é pedido aos homens e mulheres no trabalho, aquilo que se designa pelo termo enigmático: as competências”. Sobre esse elemento particular, Mailliot, em Mailliot e Durrive (2016), considera que a questão da competência envolve a capacidade de um indivíduo em confrontar não apenas os aspectos e expectativas de uma situação, mas também suas próprias demandas pessoais. Isso implica considerar tanto os elementos externos quanto as necessidades internas ao lidar com diferentes contextos.

Em direção similar, Guérin et al. (2012) destacam que o trabalho abrange realidades variadas e pode designar tanto as condições e o resultado do trabalho, quanto os próprios resultados da atividade em si. No excerto, o entrevistado, que atua no setor de serviços, atrela a atividade de trabalho à qualidade da capacitação profissional. Mais que isso, seu relato atrela a capacitação profissional à possibilidade de produzir saberes, como mostra o bloco seguinte.

Bloco 2 - O saber resultante do vazio de normas

O vazio de normas existe especialmente em casos mais complexos né quando você faz um planejamento seja ele é um planejamento de uma cirurgia ou um planejamento de uma reabilitação oral onde você tenta seguir dentro daquela técnica... e daí no meio do caminho você encontra esses vazios né e aí você tem que ter muito conhecimento muita capacidade de discernimento de ver onde que está o erro esse vazio dentro da norma dentro da técnica que você estava seguindo ou dentro daquele planejamento para você achar uma solução do teu problema... o computador, ele quer dar uma solução que é o arredondamento só que você chega lá na boca não é bem assim. tem alguma coisa diferente, então vem a tua habilidade para fazer essas adaptações.

De acordo com esse segundo excerto, o entrevistado encara o vazio de normas como uma probabilidade em casos de maior complexidade. Porém, o saber investido decorrente do debate de normas ou a “habilidade para fazer as adaptações” depende da disponibilidade de recursos a serem acessados. Tais recursos, registrados na história, servirão de base para uma construção nova e diacrônica. Em aderência ao excerto, Schwartz (2003, p. 23) defende que “todo este conjunto de normas, de saberes, de concentrados de história passada, não pode, em caso algum, determinar por si só o que vai se passar na atividade de trabalho.” O autor destaca, ainda, que o trabalho é uma interação constante entre conhecimentos acionados, setores produtivos, tecnologias aderidas e saberes investidos na gestão da falta.

Desse trecho discursivo também é possível verificar que, de toda a forma, o sujeito entrevistado, enquanto profissional liberal, está situado nos três polos do saber, segundo Triquet (2010): representa os saberes constituídos, enquanto especialista; é um trabalhador de sua especialidade e, por isso, possui saberes investidos; e compõe um coletivo profissional capaz de propor debates entre saberes. Contudo, acionar os saberes investidos pode representar uma nova exigência, na forma de tomada de decisão, conforme o terceiro bloco demonstra.

Bloco 3 - O Corpo-si e o fator decisório

Uma radiografia na época não tinha 3 D, aí você não sabia que a raiz poderia estar daquela forma lá só que pelo conhecimento de anatomia que eu tinha eu tomei uma decisão de fazer isso e não uma vez, mais do que uma vez, em função do risco que eu estava levando para o paciente em tentar remover aquele toco de raiz que eu sabia pela literatura, já tinha conhecimento científico nesse sentido, que ela não iria ocasionar um mal que não iria ocasionar uma reinfeção naquele paciente, então por que que eu vou levar o paciente a ter esse risco de uma parestesia nem que seja parcial para tirar aquela raiz lá? Construir um saber aí nessa situação específica tu viu que isso pode ser em situações de anormalidade... eu tive fatos inusitados de raízes que estavam até abraçando o nervo e se você olhar numa radiografia aqui ela não é e que no momento tem que tomar uma decisão, não eu preciso deixar essa raiz sepultada porque eu posso lesionar esse nervo e o prejuízo para o paciente é muito maior. É mesma coisa que um pedreiro fazendo uma obra onde o erro do engenheiro está claro, eu tenho certeza que o pedreiro, quando foi fazer, viu que tá ruim, né mas não falou nada...

A análise do terceiro bloco pode iniciar com uma colocação de Schwartz em Schwartz e Durrive (2021, p. 205): “As normas não antecipam tudo. Então, trabalhar é arriscar, fazer “uso de si”. Considerando o relato acima, este “uso de si”, que é do corpo biológico, histórico e singular, pode representar também uma gestão do uso do corpo-si, objeto de investigação deste estudo. A tomada de decisão a que se refere o entrevistado representa o processo decisório envolvido na dramática do debate de normas e valores, incluindo o DD3P.

Outrossim, questões referentes à ergogestão podem ser levantadas quanto às reservas de alternativas de que cada trabalhador dispõe, a depender da finalidade social de seu trabalho (Guérin et al., 2012; Trinquet, 2010). Contudo, o fato de haver alternativas implica em riscos e responsabilidades quanto à escolha. Como propõe Trinquet (2010, p. 110): “Cada um tem de ter certas margens de manobra a fim de poder “usar de si” como lhe convém.” No caso de profissionais do setor de serviços, mais especificamente no caso de profissionais liberais, decidir é arriscar-se. Então, condições de trabalho, resultados do trabalho e atividade de trabalho dependem diretamente do processo decisório envolvido na gestão do uso de si em seus diferentes saberes.

Já no que concerne à partilha dos saberes investidos, a figura do *metier* ainda encontra reforço. Os avanços científicos e práticas laborais partilhados em congressos e grupos de estudo ainda carecem da noção de intercompreensão proposta por Zariffian (2015), embora esta perspectiva possa representar uma evolução importante para a área dos serviços em saúde, possibilitando uma visão mais globalizada tanto do paciente quanto da área da saúde como um todo.

Apesar do saber investido poder configurar um diferencial competitivo valioso para o profissional liberal, de acordo com Clot (2007) cada indivíduo, ao participar das atividades de trabalho, dentro da divisão do trabalho, experimenta tanto o papel de sujeito quanto de objeto nesse processo de conservação e invenção. Essa função psicológica do

trabalho reflete sua importância como atividade essencial para o indivíduo, que vai além de sua dimensão econômica.

Corroboram nessa direção os pontos de vista das clínicas do trabalho, cujas perspectivas procuram abarcar diferentes concepções da relação concreta e subjetiva entre o homem e o trabalho. As diferentes vertentes da psicologia, incluindo a POT, consideram as configurações e reconfigurações do cenário de trabalho analisadas conforme preceitos de linhas como a cognitivo-comportamental, a social e a clínica (Bendassolli; Soboll, 2021), contudo, segundo Malvezzi, (2015), a integração de conhecimentos e a construção de intervenções pertinentes continua sendo um desafio para a POT.

De modo geral, as linhas da psicologia voltadas à investigação das contingências do mundo do trabalho consideram o homem em atividade industrial na construção histórica de sua relação com o trabalho, porém é a ergologia que coloca a atividade sob os holofotes, pautando as interações humanas como vetores de transformação. Não obstante, são perspectivas complementares que julgam a finalidade do trabalhar para além das questões socioeconômicas calcadas na subsistência.

Finalmente, há que se considerar as palavras de Schwartz em Bendassolli e Soboll (2021, p. 153, grifo do autor): “a atividade *sempre* se convida, com sua tessitura, individual e coletiva, a debates de normas”. Dito de outra forma, toda a atividade envolve uma dramática do uso de si, por si e pelos outros. Uma dramática que pode ser observada nos três blocos produzidos pelas pistas encontradas no relato do profissional liberal entrevistado, conforme demonstra o Quadro 1:

Quadro 1 - Observação do debate de normas e valores: as dramáticas do uso de si

Observação do debate de normas e valores: as dramáticas do uso de si	
Bloco 1. O saber de instrução versus o saber da prática	Debate entre as normas antecedentes, na forma de saber acadêmico de instrução, e a realidade da atividade de trabalho.
Bloco 2. O saber resultante do vazio de normas	Resultado da dramática do uso de si sendo reconhecido como saber.
Bloco 3. O corpo-si e o fator decisório	A aplicação do saber investido na atividade por meio da ação do corpo-si.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2023)

Diante do proposto pelas marcas e pistas encontradas no relato da entrevista, pode-se depreender que a gestão do uso de si pelo profissional liberal diante do vazio de normas possui características que, embora não totalmente distintas daquelas observadas em trabalhadores com vínculo empregatício, possuem mais nuances e acentos. A questão do risco inerente a qualquer processo decisório assume um caráter potencialmente crítico. Para o profissional liberal, cujo resultado do trabalho constitui um serviço, uma decisão

equivocada durante a atividade pode gerar consequências diretas em sua atuação profissional, tanto em razão de valoração própria e alinhamento de expectativas internas, quanto na representação social que a qualidade de seu serviço assume. Em se tratando de profissionais da área da saúde, acrescenta-se à essa equação o compromisso com a preservação da vida e da qualidade de vida do paciente, realçando as nuances das dramáticas do uso de si diante do vazio de normas.

Outra observação importante é a de que o saber investido do qual o profissional liberal se apropria na gestão do uso de si, é proporcional ao diferencial competitivo que ele é capaz de oferecer em seus serviços a fim de assegurar-se no mercado profissional. Assim, compartilhar um saber investido com os profissionais pares pode significar o “desempoderamento” mercadológico, ao mesmo tempo que inviabiliza iniciativas de cooperação e intercompreensão entre pares e áreas profissionais. Evidencia-se, então, uma problematização capaz de suscitar duas vias de reação: uma que desconsidera os elementos do problema e outra que busca investigar possibilidades de encontros. Dito isso, algumas considerações se impõem e serão exploradas na sessão seguinte.

Considerações finais

Este artigo trouxe como tema linguagem e trabalho, ergologia e psicologia organizacional e do trabalho (POT). Partiu-se do problema de pesquisa “Como é gerido o uso do corpo-si na construção do saber investido por um profissional liberal diante do vazio de normas?” Assim, objetivou-se analisar a gestão do uso do corpo-si na construção do saber investido a partir do relato de um profissional liberal da área da saúde.

A análise do relato denotou a preocupação do entrevistado com a qualidade da formação acadêmica dos profissionais de sua área de atuação, que julga não estarem basicamente preparados para o exercício da profissão ao concluírem a graduação, diferentemente do que ocorreu consigo no início da carreira profissional.

Apesar de compreender a invariabilidade do vazio de normas em situações de trabalho mais complexas, declara que a insuficiência de saberes basilares da profissão compromete a possibilidade de adaptação para a resolução dos problemas encontrados. Sua fala encontra eco na abordagem ergológica, que considera importantes os conhecimentos prévios contidos nas normas antecedentes para o debate interno de normas e valores que constituem as dramáticas do uso do corpo-si e possibilitam a construção dos saberes investidos.

Com base na análise, é possível concluir que a gestão do uso do corpo-si se dá na capacidade de ponderação frente aos riscos que envolvem a tomada de decisão. Segundo o entrevistado, somente a robustez de conhecimentos prévios produzem a segurança e a responsabilidade necessárias para escolher entre as alternativas possíveis de resolução de

problemas frente ao vazio de normas, de modo a assegurar uma tomada de decisão que preserve a saúde e a qualidade de vida do paciente.

Com efeito, há que se considerar as peculiaridades demandadas pelo setor de serviços, onde profissionais autônomos asseguram seu diferencial competitivo através do emprego de saberes investidos. Dessa forma, conceitos como cooperação e intercompreensão profissionais, que dependem da partilha de saberes, tendem a serem negligenciados em função de demandas socioeconômicas impostas pelo mercado de trabalho.

Dessarte, gerir-se em situações de contexto híbrido, onde elementos visíveis e invisíveis se entrelaçam, atravessados por dramáticas de uso de si, representa um desafio significativo. Isso requer lidar com renormalizações que permitem a realização das tarefas exigidas pela sociedade, ao mesmo tempo em que suscitam uma avaliação crítica das normas antecedentes.

Assinala-se que o recorte teórico afunilado deste estudo pode representar uma limitação, sugerindo que outras abordagens investigativas da relação homem-trabalho possam ser recrutadas futuramente para contemplar o trabalhador do setor de serviços. Estudos com essa pauta possuem potencial para impulsionar reflexões mais abrangentes sobre a adaptabilidade do homem às transformações que o mundo do trabalho atravessa, considerando as reconfigurações necessárias frente aos avanços sociais e tecnológicos. Nesse sentido, um “pensar ergológico” multidisciplinar oferece a possibilidade de contemplar categorias antes à margem das pesquisas organizacionais envolvendo o homem e seu trabalho. Almeja-se, então, que o presente estudo possa acrescentar à formação acadêmica do psicólogo uma possibilidade teórica capaz de oferecer recursos para que suas intervenções sejam mais abrangentes e assertivas. De modo semelhante, outras áreas do conhecimento podem ser beneficiadas por estudos que, ao molde desse, investiguem a linguagem enquanto ação do homem no mundo.

Todavia, a função psicológica do trabalho permanece em voga independentemente do setor econômico a que o trabalho se atrela. Ao homem que trabalha se impõe a inscrição da história, seja ele um trabalhador do campo, um operário ou um profissional liberal prestador de serviços.

The management of the body-self in the constitution of knowledge invested by liberal healthcare professionals: specificities of a report

Abstract

The theme of this study is language and work, ergology and organizational and work psychology (POT) in the investigation of the management of the use of the body-self and the knowledge invested by a liberal

professional in the health area. The objective is to analyze the management of the use of the self-body of this liberal professional in the construction of invested knowledge in the face of the void of norms. Theoretically, it is based on assumptions from ergology, language and work and organizational and work psychology (POT). This is applied, exploratory, bibliographical, field research with a qualitative approach. The corpus of analysis consists of the report of a semi-structured interview with a liberal healthcare professional, covering issues of his professional practice. The results show that the management of self-use by self-employed professionals is strongly linked to the management of knowledge invested in the face of the risks involved in decision-making.

Keywords: Ergology. Language and work. Organizational and work psychology. Invested knowledge. Liberal professional

Referências

- BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. G.; BORGES-ANDRADE, J. E. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas? *In*: YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 257-271.
- BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. (Org.). **Clínicas do trabalho**. 2. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2021.
- BOUTET, J. Atividades de linguagem em situações de trabalho. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 90-97, 2016.
- BOUTET, J.; GARDIN, B. Une linguistique du travail. *In*: BORZEIX, A.; FRAENKEL, B. (Coord.) **Langage et Travail**: communication, cognition, action. Paris: CNRS Editions, 1998. p. 89-111.
- COELHO-LIMA, F.; COSTA, A. L. F.; YAMAMOTO, O. H. O exercício profissional do psicólogo do trabalho e das organizações: uma revisão da produção científica. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 21-35, 2011.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CLOT, Y. Clínica do trabalho e clínica da atividade. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. (Org.). **Clínicas do trabalho**. 2. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2021. p. 80-93.
- COSTA LEÃO, L. H. Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012.
- DI FANTI, M. G. C. Apresentação: Linguagem e trabalho: diálogos entre estudos discursivos e ergológicos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 253-258, 2014.
- FAÏTA, D. Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. *In*: **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60.
- FREITAS, E. C. As práticas de linguagem no e sobre o trabalho: discursos da prescrição na atividade docente. *In*: **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)**, 2014, João Pessoa - PB. Estudos Linguísticos e Filológicos. João Pessoa: ALFAL, 2014. v. 1. p. 1-15.
- GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J.; KERGUELEN, A.

Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia. São Paulo: Blücher, 2012.

HOLZ, E. B.; BIANCO, M. Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 494-512, 2014.

MAILLIOT, S. A ergologia e a produção de saberes sobre os ofícios. *In*: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e ergologia II: diálogos sobre a atividade humana**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2016. p. 151-240.

MALVEZZI, S. Reflexões sobre a contribuição da psicologia das organizações e do trabalho para a sociedade. **Revista Rúbricas**, Cholula, Puebla, México, v. 11, n. 5, p. 59-67, 2015. Disponível em: <http://repositorio.iberopuebla.mx/bitstream/handle/20.500.11777/710/Psicologia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 7 maio 2023.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. *In*: MCP Souza-e-Silva & D. Faïta (Orgs.) **Linguagem e Trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RENTERÍA, E.; MALVEZZI, S. Psicologías organizacionales y de los trabajos-pots: preguntas desde las realidades actuales del mundo del trabajo en América Latina. **Psicología desde el Caribe**, Barranquilla, Colombia, v. 35, p. 129-147, 2018.

ROCHA, D.; SANT'ANNA, V. L. A.; DAHER, M. C. F. G. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 8, n. 08, p. 161-180, 2004. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132>. Acesso em: 7 ago. 2023.

SCHERER, M.; PIRES, D. E.; PRADO, N. M. de B.; MENEZES, E. L. C. de. Contribuições da ergologia para a gestão do trabalho: entrevista com Yves Schwartz. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S. l.], Rio de Janeiro, v. 20, p. 6, 2022. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00336. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/272>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. **Pro-posições**, Campinas, v.1, n. 5, p. 34-50, 2000.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e saber. **Trabalho & educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 21-34, 2003.

SCHWARTZ, Y. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, 2014.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). 3 ed. **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 3. ed. Niterói: EdUFF, 2021.

SCHWARTZ, Y. Manifesto por um ergoengajamento. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. (Org.). **Clínicas do trabalho**. 2. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2021. p. 148-188.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 93-113, ago.2010. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639753>.
Acesso em: 5 maio 2023.

TRINQUET, P. **Ergologia**: compreender a atividade humana para transformá-la. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2021.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. B.; RODRIGUES, A. C. de A. O campo profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. *In*: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. B. (Org.). Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 549-582.

ZARIFFIAN, P. Intercompréhension et coopération dans le travail. *In*: ZARIFFIAN, P. **Le travail et la compétence**: entre puissance et contrôle. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2015. p. 53-62.